



EXPEDIÇÃO PÉ NA ESTRADA

UMA VIAGEM DE MOTORHOME 2

Janeiro de 2019



EXPEDIÇÃO PÉ NA ESTRADA

UMA VIAGEM DE MOTORHOME 2

O primeiro dia da ‘expedição’ foi de grande aprendizagem. Como as estradas brasileiras estão longe de ser adequadas a grandes veículos (e não é muito diferente em relação aos pequenos), há muita coisa que não se pode fazer, enquanto o motorhome está em trânsito, como, por exemplo, cozinhar, tomar banho ou deitar na parte superior dos beliches. Somente um ponto de energia fica disponível, quando se está em trânsito, já que é alimentado pelo motor do veículo e, portanto, indiretamente consome combustível. Conforme o tipo de estrada, até mesmo fazer um pipi no banheiro pode ser uma ação perigosa, por motivos que não precisamos detalhar...

Para compensar, quando estamos estacionados, as opções são muito boas: pode-se usar a água com menos economia; todas as tomadas do veículo têm energia; o acesso ao fogão a gás e ao micro-ondas está liberado; pode ser montada a mesa externa ao veículo embaixo de um grande toldo que abriga tanto do sol quanto da chuva; é possível se lavar a louça com água quente etc. Enfim, aí sim estamos experimentando como é esse tipo de vida. Alguém já disse que gostar de camping e de motorhome é um estilo de vida. Talvez, se possa afirmar que é um modo de habitar o mundo e de transitar por ele, caracterizado por certa capacidade de se viver com menos do que supomos que precisamos e de se improvisar, diante de cada nova necessidade.

Neste motorhome em que estamos morando e viajando, a área onde estão as oito camas (duas a duas em beliche) está no fundo do veículo, que por fora tem quase o tamanho de um ônibus. Ela está separada por uma porta, o que dá certa privacidade ao grupo. Cada uma das camas tem sua janela de vidro protegida por tela contra insetos e por pequena persiana que vedá a luminosidade, quando se deseja. Em relação ao corredor, a privacidade do leito é dada pelas cortinas que fecham, de modo independente, cada um desses oito “quartos”, todos servidos por luminária própria, o que garante que, se alguns estão dormindo e outros ainda acordados, isso não é um problema muito grande. Nesse mesmo ambiente privativo, tem-se acesso ao cubículo de menos de um metro quadrado, servido de chuveiro com água quentinha e uma pequena pia.

O vaso sanitário e uma segunda pia ficam em outro ‘quartinho’ igualmente minúsculo, cuja porta dá para o ambiente chamado de sala, o maior do motorhome. Nele, estão duas mesinhas, cada uma delas com dois bancos relativamente grandes, geladeira, pia e fogão instalados na mesma pedra de granito e, ainda, duas poltronas reclináveis, boas para

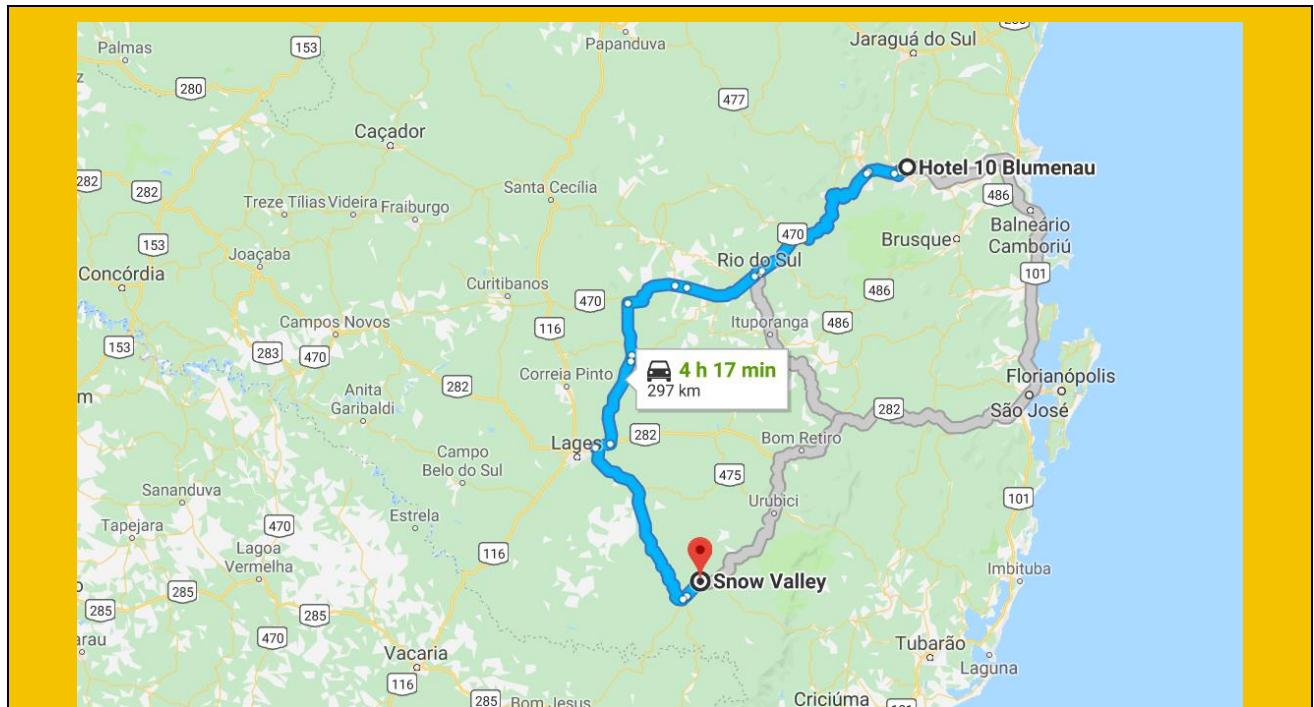
**SNOW VALLEY NUM
PAÍS TROPICAL**

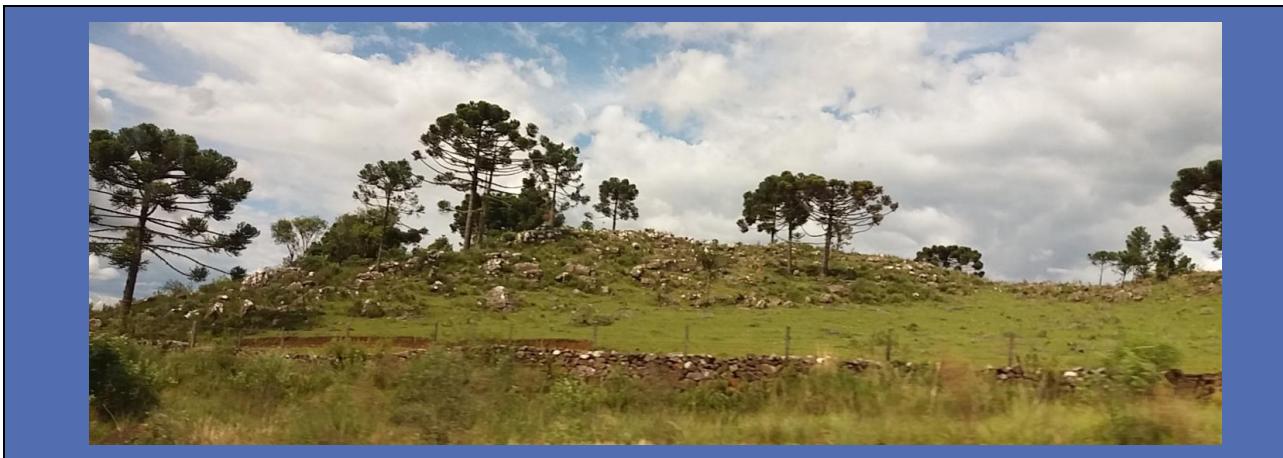


os períodos de percursos, pois dali se tem uma visão melhor da paisagem pelo para-brisa frontal. Esse é o espaço onde a convivência entre os viajantes ocorre durante o dia, inclusive dando acesso à porta que nos liga à dianteira do veículo onde está o motorista.

Enquanto viajamos, fazemos de tudo, Otto e eu escrevemos nosso diário da viagem, Theo curte os detalhes da paisagem muito tempo sentado ao lado do Eliseu, formam-se duplas ou trios para jogar buraco e até um chimarrão se pode curtir numa das duas mesas da sala.

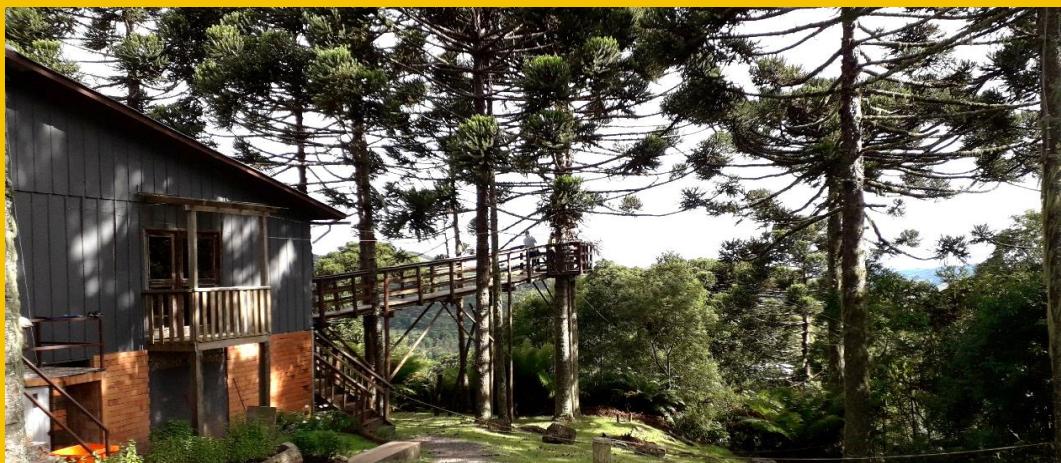
Neste primeiro dia de percurso, cruzamos o planalto catarinense de Lages. Passamos por áreas de plantio de maçãs que Otto, o fotógrafo oficial da expedição, registrou. Também tivemos a chance de apreciar as coníferas, que passavam a sensação de que ainda estávamos no planalto paranaense.





Nossa primeira parada para dormir foi no Snow Valley Park, no município de São Joaquim, a 15 km da cidade. É até engraçado haver um vale de neve no Brasil. Sabemos que não é bem isso, afinal moramos num patropi, como já conceituou Jorge Bem, mas ainda que a neve por essas paragens caia vez ou outra e na maior parte do tempo as temperaturas sejam superiores aos 15 graus, gostamos muito de conhecer esse espaço.

É um café-restaurante montado numa bonita construção de madeira e pedra; com várias mesas confortáveis, algumas com cadeiras forradas de pele de carneiro. Do deck externo ao café, podemos ter uma linda vista do conjunto da propriedade.



Por que tem uma bandeira dos Estados Unidos na entrada do estabelecimento? Porque durante o inverno, nessa mesma propriedade funciona uma escola de inglês intensivo, para grupos que ficam hospedados aí e isolados da ‘civilização’ falam somente o idioma do Tio Sam. A hospedaria onde ocorre esse curso fica no fundo da propriedade, num patamar topográfico bem mais baixo do que o do café-restaurante que está lindinho à estrada. É uma construção de madeira com dois pisos e um sótão, pintada de vinho e branco, cercada por um bonito jardim e à qual se accede por uma alameda de hortênsias que nascem entre pedras que estão irrigadas por inúmeras pequenas fontes de água que correm lateralmente ao bonito caminho.



Acho que a própria apresentação que eles fazer de si, no link ‘quem somos’ do site do parque é bem explicativa:

O Parque Snow Valley (Vale da Neve) foi fundado em 1965 pelo americano Edgar Leland Butterfield. Vindo com sua família da cidade montanhosa de Durango, na região do Colorado, encontrou São Joaquim, na Serra Catarinense. As paisagens e o clima foram aspectos decisivos para estabelecer uma nova etapa de suas vidas no mundo novo. Edgar encantou-se com o cenário formado pelas nevadas, que cobriam de branco as gigantes e imponentes araucárias, e decidiu empreender no ramo turístico, criando o Snow Valley. Inicialmente, abriu as trilhas, construiu uma ponte pênsil e as primeiras cabanas. Alguns anos mais tarde, criou o Programa de Imersão na língua inglesa, com o tema “Aprenda Inglês enquanto se diverte”, que desde então, recebe a cada ano milhares de estudantes e professores de várias partes do Brasil.

Após termos um posicionamento de marca como Snow Valley Park e Snow Valley Adventure Park, nos reinventamos e nos tornamos um Experience Park seguindo uma tendência em crescimento em todo o mundo, o turismo de experiência. Com objetivo de oferecer vivências memoráveis aos visitantes e encantar nossos clientes, o Snow Valley Experience Park é dividido em quatro segmentos: English Immersion, Adventure Park, Eco Lodge Cabanas e Wood Restaurante e Cafeteria. (Fonte - <http://www.snowvalley.com.br>)

Deu para ver que nesse park faz-se de tudo e meus netos logo se animaram para os esportes de montanha disponíveis. Para a tirolesa (zipline), Theo não tinha altura suficiente, porque a descida era correspondente a um desnível muito alto – 900 metros - para a idade dele e, assim, Otto desistiu de realizar a aventura sozinho. Nenhum dos dois pôde fazer o arvorismo (canopy), porque, neste caso, era exigido altura mínima

do esportista de 1,40m, para fazer o percurso de 150 metros a 7 metros de altura do chão, equilibrando-se numa ponte de cordas (esta modalidade nem a vó teria deixado eles irem, caso tivessem passado no teste das condições mínimas).



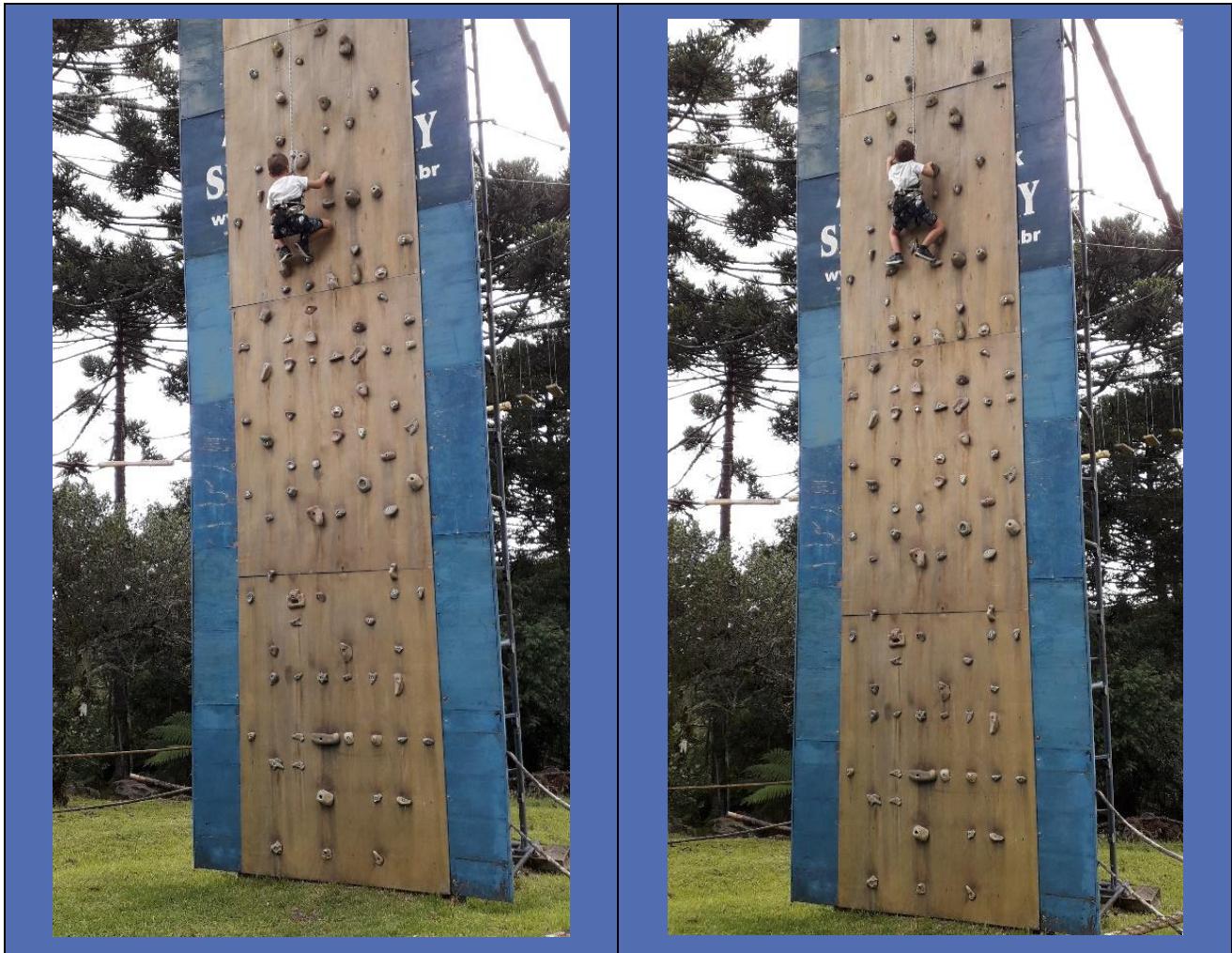
O possível foi o Climbing Wall, ou seja, a escalada num ‘muro’ de 12 metros de altura, para o qual tiveram que se equipar com vários apetrechos de segurança antes de começar a aventura.





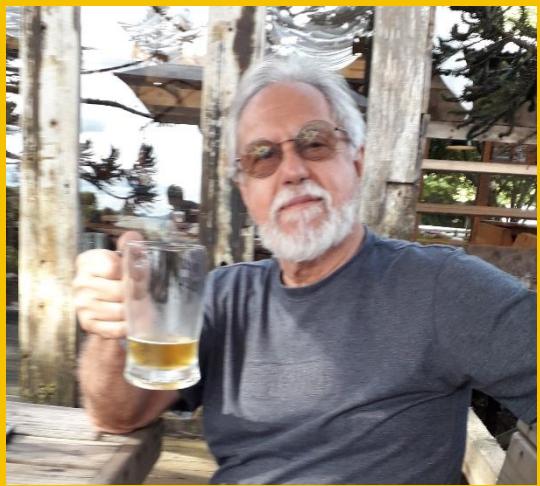
Achei que não iam passar dos três metros de altura, mas chegaram acima dos oito metros, no caso do Theo com muita ajuda do avô, do irmão e, depois, do instrutor, que com a corda ajudava-o a retomar ao mesmo ponto, a cada vez que as perninhas ficavam bambas e ele perdia posição.





Oba, mais uma etapa de gasto de energia, após algumas horas dentro do motorhome. Isso vale um chocolate quente, um café e uma cerveja, com vista para o parque. Olha só a cara de cansado do Theo.





Nesta primeira noite no motorhome, começamos a aprender que há várias modalidades de hospedagem e serviços: - campings que, se tiverem boas condições topográficas, aceitam receber motorhomes e oferecem ponto de abastecimento de água e de energia; - postos de gasolina, nas mesmas condições que caminhoneiros passam a noite, ou seja, estacionamento com direito a banheiro, banho e restaurante; - hotéis ou pousadas rurais que têm áreas disponíveis tanto para motorhomes como barracas e também oferecem pontos de energia e água; - espaços de outro tipo como o Snow Valley, que permitiu que estacionássemos na frente para passar a noite, desde

que consumíssemos no café restaurante; - outras paradas, ao léu, sem qualquer apoio ou segurança, o que pode ser bem aventureiro, mas dá um medinho de assalto.

Nosso primeiro banho no motorhome, após esse dia cheio de aventuras, foi até engraçado: pouco espaço para se mexer; cuidados para não deixar o sabonete cair no chão; atenção para, ao sair do quartinho box, não molhar o carpete do corredor; vestir-se fugindo das janelinhas laterais, porque ainda não tínhamos descoberto o dispositivo da persiana que veda a visão externa. Uma pequena epopeia, mas efetivamente as crianças estavam pulando de alegria com cada detalhe.

Pareceu excelente ficar ali na frente do parque, mas durante a noite, para quem tem sono mais sensível, como o Eliseu, a passagem de alguns poucos caminhões barulhentos atrapalha um pouco o sono. Não foi o meu caso, após termos feito nosso lanche da noite: esfihas da Al Fatai; pão sírio e pão de centeio com queijos; geleia de pimenta feita pela Aline, nossa amiga; frutas; suco de uva para as crianças e vinho tinto para os adultos. A foto ficou aquém do prazer que sentimos, mas valeu o registro.



Carminha Beltrão

Janeiro de 2019